

# AS JOIAS DA IDADE DOS METAIS\*

## LAS JOYAS DE LA EDAD DE LOS METALES

Caroline Horvath Staggemeier\*\*

Analice Bragança Crisóstomo\*\*\*

Edir Lúcia Bisognin\*\*\*\*

Maria da Graça Portela Lisbôa\*\*\*\*\*

Marloá Eggres Krebs\*\*\*\*\*

Taiane Rodrigues Elesbão\*\*\*\*\*

### Resumo

A moda usada na contemporaneidade busca se reinventar na indumentária e no uso de adornos, desde a Idade dos Metais. Nesse período, tem-se uma grande descoberta na técnica utilizada nos metais, como o cobre, o bronze, o ouro, a prata e o ferro e no estilo artístico das joias. A presente pesquisa mostra a riqueza de detalhes e ensaios artísticos na confecção dos adornos criados para compor a indumentária desde o mais longínquo período da Idade dos Metais, o que se pode observar nos alfinetes de metal usados para unir as vestes. O mesmo gosto se estendia a todos os utilitários criados com arte e técnica, legando para a contemporaneidade muitos desses fazeres que acompanham a moda em diferentes épocas, estilos e culturas. Esta pesquisa relata a importância e o fascínio que os metais exerciam sobre o homem, e que ainda inspiram a criação e uso das joias em nossos dias.

*Palavras-chave:* Moda. Idade dos Metais. Joias.

### Resumen

La moda contemporánea procura reinventarse en la vestimenta y en el uso de adornos, desde la Edad de los Metales. Durante este período se obtuvo

\* - Resultado parcial do Projeto de Pesquisa com base no livro: HISTÓRIA UNIVERSAL DAS JÓIAS ATRAVÉS DA ARTE E DA CULTURA. Vinculado ao Curso de Design. Grupo e Linha de pesquisa: Design e Gestão do Produto - História, Estética e Cultura de Objetos, do Centro Universitário Franciscano – UNIFRA, Santa Maria-RS.

\*\* Acadêmica do Curso de Design com ênfase em joias pelo Centro Universitário Franciscano UNIFRA.  
carol.staggemeier@gmail.com

\*\*\* Acadêmica do Curso de Design com ênfase em joias pelo Centro Universitário Franciscano – UNIFRA. lilicrisostomo@globo.com

\*\*\*\* Mestre em Educação pela UFSM. Licenciada em Desenho e Plástica e História. Atualmente é professora de História da Arte nos Cursos de Design, Arquitetura e Urbanismo e Turismo, no Centro Universitário Franciscano – UNIFRA. edir@unifra.br

\*\*\*\*\* Mestre em Engenharia de Produção, Área de Concentração em Qualidade e Produtividade pela Universidade Federal de Santa Maria – UFSM. Bacharel em Design de Produto com ênfase na joalheria pelo Centro Universitário Franciscano – UNIFRA. Docente UNIFRA. mglisboa@yahoo.com.br

\*\*\*\*\* Mestre em Letras na área de Concentração – Linguística Aplicada. Qualificação em Letras/português e espanhol. Professora do Centro Universitário Franciscano. marloa@unifra.br

\*\*\*\*\* Mestranda em Engenharia de Minas, Metalúrgica e Materiais do PPGE-3M pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul, UFRGS. Especialista em Design Gráfico – identidade visual do sistema-produto, na Universidade do Vale do Rio dos Sinos, UNISINOS. Bacharel em Design de Produto com ênfase na joalheria pelo Centro Universitário Franciscano, UNIFRA.  
taianeelsbao@gmail.com

un gran avance en la técnica utilizada en metales como el cobre, bronce, oro, plata, hierro y en el estilo artístico de las joyas creadas. Este estudio muestra la riqueza de detalles y ensayos artísticos en la fabricación de los adornos creados para confeccionar la indumentaria desde la época más lejana de la Edad de los Metales, lo que se puede observar en los alfileres de metal usados para unir las prendas. El mismo gusto se extendía a todos utilitarios creados con arte y técnica, dejando a la contemporaneidad muchos de esos quehaceres que acompañaron la moda en diferentes épocas, estilos y culturas. Este trabajo relata la importancia y la fascinación que los metales ejercían sobre el hombre, y que todavía inspiran la creación y el uso de las joyas de nuestros días.

*Palabras clave:* Moda. Edad de los Metales. Joyas.

## **1 Introdução**

Os resultados da presente investigação demonstram a riqueza expressiva e técnica do homem da Idade dos Metais. Este texto apresenta resultados históricos e estéticos sobre os objetos confeccionados pelo desvelamento dos metais. Primeiro o cobre, seguindo-se, respectivamente, o bronze, o ferro, o ouro e a prata, numa variedade de formas e concepções, demonstram como os metais exerciam fascínio sobre as mulheres da antiguidade, em diferentes sociedades.

Muitas tipologias foram classificadas pelo grupo de pesquisa em diferentes regiões do Oriente Próximo, do Extremo Oriente e da Europa. Nesse sentido, a investigação realizada apresentou resultados inesperados e preciosas peças, cujas técnicas surpreendem pelo requintado acabamento e domínio no emprego dos metais. Detectou-se, também, como a Moda estava sendo pensada, juntamente com os acessórios, numa combinação harmoniosa. Para referendar a presente pesquisa, buscou-se apoiá-la em bibliografia especializada, cujos resultados são apresentados a seguir.

## **2 Revisão Bibliográfica**

No período paleolítico, o Ocidente destacou-se como o maior produtor de objetos de metal e chegou a ultrapassar os conhecimentos dos povos orientais pelas suas criações mais elaboradas, mas durante o neolítico se deslocou o ponto

de gravitação em direção ao Leste, devido ao conhecimento precoce dos metais, com os quais se abriram novas possibilidades, inteiramente inesperadas.

Kertesz (1947) entende a Idade dos Metais como o período que se caracterizou pelo uso de instrumentos metálicos. Assim sendo, a Idade da Pedra (paleolítico e neolítico) foi seguida pela dos metais, que abrange as Idades do Cobre, do Bronze (Bronze Antigo, Bronze Médio e Bronze Final) e do Ferro. E apenas quando o comércio com o Oriente contribuiu com o conhecimento dos metais no vale oriental do Mediterrâneo, começou, lentamente, a transformar-se o quadro geral do Neolítico.

Para a referenciada autora, faz-se necessário apresentar uma periodização da Idade dos Metais. E afirma que esse período inicia em torno de 6500 a.C. e vai até o surgimento da escrita. Marca o avanço das técnicas de produção de artefatos, quando passou a usar moldes de pedra ou barro para colocar o cobre derretido, produzindo armas e ferramentas, bem como o martelo para moldar os objetos depois de frios.

Giordani (1983, p. 43) esclarece que o homem, ao descobrir o fogo, dá início, por meio do calor, à técnica de fundição do cobre. “A constatação da influência do calor sobre o metal, a relativa facilidade com que este adquiria variadas formas abriram novas perspectivas para a técnica industrial.”

O autor supracitado enfatiza que a ordem de sucessão do tempo em relação aos diversos tipos de metais pode estabelecer uma cronologia relativa que não pode ser aplicada a todos os povos. Entende-se, portanto, que o *Calcolítico* foi o período onde predominou o uso do cobre, denominado também *Eneolítico*. Assim, o início da idade dos metais pode ser compreendido como o intermediário entre a idade da pedra e a do bronze.

### 3 Idade do Cobre

Kertesz (1947) considera a breve Idade do Cobre, destacando que o emprego puro deste mineral, que foi exportado da “Ilha do Cobre” (Chipre), já era comum no Oriente Médio, por volta de 3000 a.C. quando começou a atingir as culturas neolíticas do continente europeu.

Em outros autores, vamos encontrar cobre puro sendo um metal extremamente macio, dúctil e altamente deformável a frio. Possui ponto de fusão de 1083°, sendo resistente à corrosão atmosférica, à água do mar e a produtos

químicos. Atualmente, tanto o cobre como as suas ligas encontram aplicações nos mais diversos setores como a construção civil, elétrica, automobilística, mecânica, objetos decorativos, construção naval, entre outras (CALLISTER, 2006). Quanto ao termo liga metálica, esse corresponde ao produto da mistura, fusão ou do derretimento (fundição) de dois ou mais metais a uma determinada temperatura e em condições determinadas, a fim de melhorar as propriedades mecânicas (CODINA, 2002, p.160).

Em Celoria (1970), encontra-se que a arte de fundir o cobre tornou-se conhecida e os mineradores não tiveram dificuldade de encontrar novas jazidas, pois havia matéria prima em abundância. Já o ferro e o estanho têm minérios menos óbvios e são mais difíceis de trabalhar e, embora o cobre não seja um metal duro, é possível fazer com ele instrumentos de corte mais eficientes que os de pedra. “De modo geral, os primeiros utensílios de cobre foram fundidos no Oriente Próximo depois do ano 6.000 a.C, mas existem exemplos ocasionais de objetos de bronze fundido ou forjado anteriores a essa data.” (p. 80).

Lima (2006, p. 37) menciona que o cobre (símbolo Cu) é considerado o mais antigo metal utilizado pelo homem, onde tanto a sua aparência amarela avermelhada quando puro, como suas características de maleabilidade, ampliavam as possibilidades de aplicação que iam desde um simples adorno a utensílios comuns até a fabricação de armas e ferramentas.

Os autores acima citados nos induzem a pensar que o cobre foi o primeiro metal utilizado e, posteriormente, por meio da mistura do cobre e do estanho, o homem descobriu o bronze, com os quais passou a fazer armas, quando evoluiu para a utilização do ferro em torno de 1500 a.C.

Celoria (1970, p. 80), ainda esclarece que “o cobre não foi adotado instantaneamente por todas as culturas da época. E que as ferramentas de pedra continuavam sendo usadas lado a lado com os objetos de cobre. E menciona, também, o pouco uso do cobre na Ásia Menor, principalmente em ornamentos, por volta de 5500 a.C. No Irã e em Uruk, instrumentos e outros objetos de cobre eram usados juntamente com os de pedra um pouco antes de 3500 a.C.

De acordo com Giordani (1983, p. 45), somente após o cobre atingir o Mediterrâneo Ocidental, o Sul da Itália, a Sicília e a Espanha, esse metal passa a ser exportado para a Europa Central. Porém, o grande acontecimento da indústria dos metais no III milênio não foi o cobre, mas sim o aparecimento do bronze.

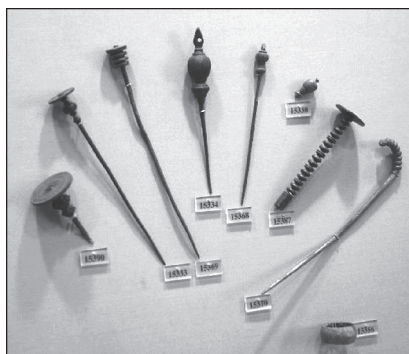
#### 4 Idade do Bronze

Torna-se difícil para os pesquisadores estabelecer a data exata das transformações da Era do Bronze, que se operou, aproximadamente, depois do ano 2000 a.C., porque não se vinculou a nenhuma tradição histórica e variou muito em cada uma das diferentes regiões da Europa.

Kertesz (1947) enfatiza que o bronze foi o material que predominou na manufatura de toda classe de objetos e adornos; é uma liga de cobre e estanho, este último metal em uma proporção de até dez por cento, que uma vez fundido, o bronze preenchia perfeitamente os moldes, reproduzindo os detalhes mais finos. Além disso, sua superfície bem polida lhe dava o aspecto de um material nobre e brilhante.

Desde o começo da Idade do Bronze, apareceu a fivela ou broche, adereço que servia para sustentar ou fechar os vestidos, recolhendo suas pregas. Nosso moderno alfinete é o descendente remoto da fivela que existia na Idade do Bronze.

O alfinete, além de adornar a veste, tinha a função de servir como prendedor, sendo encontrado nas tumbas de pessoas de ambos os sexos, apresentando-se em distintos modelos. Nos países setentrionais, eram comuns os alfinetes com cabeças fundidas, ricamente arrematadas e enfeitadas, algumas das quais terminavam em duas espirais; enquanto no sul se viam mais frequentemente outros com discos verticais em forma de rodas de fatura calada.



**Figura 01:** Alfinetes do primeiro período da Idade dos Metais.

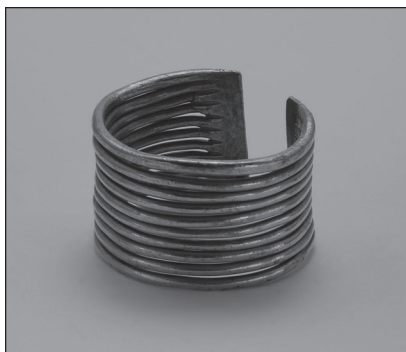
Fonte: National Archaeological Museum of Athens.

Naquela época em que o homem entrava em contato com os metais, manifestou-se claramente o prazer que experimentava por eles, amontoando

sobre suas roupagens toda classe de objetos metálicos, como exemplo, as fivelas, botões de bronze, com os quais se guarnecia a bainha inferior dos vestidos das mulheres, e outros enfeites mais em forma de espirais.

Característicos do início da Idade do Bronze são alguns braceletes compostos de vários aros em espiral reunidos entre si. Junto com esses, outra espécie de braceletes ou pulseiras em forma de caracol. O critério estético se fundava, sobretudo, no peso do metal utilizado, e não na apresentação artística do objeto.

Muitos dos antigos mitos ocupavam-se do trajeto solar, no que distinguiam etapas diferentes. A representação que davam deste fenômeno foi variada. “Por exemplo, os “Carros do Sol” e as ‘Barcas Solares” apresentam motivos simbólicos que se repetem em amuletos e talismãs. O sol foi representado por rodas, discos, entre outros símbolos diferentes nas distintas regiões e povoados.



**Figura 02:** Bracelete aberto proveniente da Idade do Bronze Final.

Fonte: <http://museodecaceres.blogspot.com/2010/01/inauguracion-de-la-exposicion-oro-y>



**Figura 03:** Bracelete e ornamentos em espiral da Idade do Bronze.

Fonte: Hixenbaugh Ancient Art (2011).



**Figura 04:** Bracelete em ouro, na forma de uma espiral com numerosas voltas, Idade do Bronze.  
Fonte: Museu Nacional de Arqueologia.

Depois de ter sofrido a influencia da civilização Egéia, estes motivos se enriquecem, mesmo agregando mais paulatinamente temas zoomorfos.

A demanda dos adornos foi sem dúvida muito grande na Idade do Bronze, pois a manufatura profissional de joias progrediu de tal maneira que facilmente poderiam confeccionar mostruários de tipos ricamente variados, similares aos modernos, com subdivisões do material, segundo as distintas regiões da Europa. Esteticamente continuou a Idade do Bronze a herança do Neolítico e a mesma preferência por um material resplandecente e rico pelo brilho e cores vistosas que predominaram até então. Foi também um traço característico desta primeira época cultural proto-histórica que a Europa conheceria.

Como, a julgar pelas descobertas arqueológicas, também a vestimenta deste período era de cores alegres e vistosas, podemos construir um quadro harmônico, policromo e brilhante do aspecto e da vida das gerações europeias nos tempos das Idades do Bronze. Foi constatado que havia, além do bronze, outro metal de uso comum: o ouro.

## 5 O ouro

O simbolismo atribuído ao ouro, desde o ancestral do homem moderno, no uso de adornos e na sua relação com as crenças percorre caminhos e fundamentos de diferentes culturas, é encontrado em registros de museus, historiadores, arquivos arqueológicos, entre outros.

A denominação ouro vem do latim *aurum*, que significa aurora brilhante, possui como símbolo a sigla Au e é um dos metais mais maleáveis que existe, embora puro se torne demasiado brando (CODINA, 2000). Esse

metal possui ponto de fusão de 1064°, altíssima densidade e condutividade elétrica, boa resistência a corrosão, sendo sensível a compostos com Cloro (Cl), Bromo (Br), cianetos e ácido nítrico. Quanto a sua resistência e coloração, pode ser modificada pela adição de outros metais, como o cobre (ouro tons vermelho), o zinco (ouro tons amarelo), a prata, níquel e paládium (ouro branco) e ferro (ouro azul) (CALLISTER, 2006).

A denominação “comum” ao ouro deve-se ao fato de que o cobiçado mineral se encontrava com tanta abundância no Oriente e, mais tarde, também no Ocidente – as areias de quase todos os rios tinham pepitas de ouro – que não somente foi utilizado abundantemente para adornar os moradores, mas que constituía a riqueza das oferendas feitas aos defuntos.

Em alusão à cultura entre os vários conceitos atribuídos ao seu termo, entende-se aqui um termo empregado por Santaella, quando afirma:

[...] há consenso sobre o fato de que a cultura é aprendida, que ela permite adaptação humana ao seu ambiente natural, que ela é grandemente variável e que se manifesta em instituições, padrões de pensamento e objetos materiais (SANTAELLA, 2004, p. 30).

Em Zattera (2001), vamos encontrar que o ouro foi utilizado em lugares distintos e em variados objetos:

[...] o ouro, (...) foi largamente empregado em coroas, colares, peitorais, pulseiras, armas e objetos também na Mesopotâmia, na Pérsia, em Creta e Micenas, na Grécia e na Etrúria. Em Portugal, nas Grutas de Alapraia, foram encontradas ossadas humanas com anéis em espiral que datam aproximadamente 3000 a.C. e que hoje se encontram no Museu dos Condes de Castro Guimarães, em Cascais (ZATTERA, 2001, p. 20).





**Figura 05:** Braclete Persa do tesouro de Oxus

Fonte: [www.britishmuseum.org](http://www.britishmuseum.org)



**Figura 06:** Vaso em ouro

Fonte: [www.britishmuseum.org](http://www.britishmuseum.org)

Ainda de acordo com Zattera (2001), encontra-se em Portugal um espólio muito interessante chamado de Tesouro de Sines, com tipos de peças que provam o contato dos peninsulares com os povos da bacia do Mediterrâneo, no século VI a.C.

O ouro foi empregado pelos egípcios nos objetos de utilidade doméstica, nas armas e até no mobiliário. Desde a Primeira Dinastia (4000 a.C.) temos registros de pulseiras encontradas no túmulo do Faraó Djer, em Ábidos. Os motivos florais e as incrustações das pedras na coroa de ouro da XII Dinastia já denotam o domínio técnico mais apurado, acusando o intercâmbio com Creta. Da época de Ramsés II (1290-1223 a.C.) são preciosos os vasos de ouro e prata do tesouro de Zagacig e o peitoral do próprio Ramsés, que se encontra hoje no Museu do Louvre. (ZATTERA, 2001, p. 18).

Com o desenvolvimento da técnica na metalurgia, aumentou a lista dos materiais, somando-se ao bronze e ao ouro a prata.

## 6 A prata

A prata trata-se de um metal proveniente, sobretudo, das ricas minas espanholas, que em remotos dias da Idade do Bronze já davam um rendimento bastante considerável. A prata (símbolo Ag) é um metal não-ferroso, de cor branca e brilho intenso, destacando-se entre todos os metais existentes como o de maior capacidade de reflexão (LIMA, 2006).

Esse metal possui ponto de fusão de 962°, ótima condutividade térmica e elétrica, elevada ductilidade e maleabilidade, podendo ser dissolvido em ácidos clorídrico, nítrico e sulfúrico. Quanto a sua resistência, a corrosão é boa, sendo considerado estável no ar e na água, porém, muda de cor sob a ação de  $O_3$  (oxidação),  $H_2S$  (gás corrosivo e venenoso) ou atmosferas com enxofre (S) – formando sulfeto de prata ( $Ag_2S$ ) na superfície do metal. (CALLISTER, 2006).

Segundo Codina (2000), a prata é um metal bastante maleável e muito mole em estado puro, sendo necessário o acréscimo de outros metais para adquirir melhores propriedades como dureza e resistência. Para Callister (2006), os metais adicionados às ligas de prata são o cobre (Cu), zinco (Zn), platina (Pt) e paládium (Pd). Quanto à aplicação, a prata pode ser encontrada em objetos de joalheira, utensílios, talheres, espelhos, soldas, película fotográfica, revestimentos, refletores e outros. Exemplifica-se na Figura 07.



**Figura 07:** Vaso em prata para vinho.

Fonte: [www.britishmuseum.org](http://www.britishmuseum.org)

Assim como o uso do cobre, do bronze, do ouro e da prata não ocorreu ao mesmo tempo, o mesmo acontece com o ferro. Os estudos mostram que o uso dos metais teve um aspecto regional e os progressos tecnológicos nunca se disseminaram grandemente.

## 7 Idade do Ferro

A Idade do Ferro compreende-se em duas civilizações distintas, sendo que a primeira delas é a cultura Hallstatt (Austria). Esta fase inicial da Idade do Ferro, que vai de 800 a.C. a 450 a.C., foi caracterizada pela confecção de armas de bronze e grande armas de ferro.

Celoria (p. 107) esclarece: “foi por meio do povo Hallstatt desta região, no período entre 600 e 400 a. C., que o uso do ferro se espalhou pelo resto da Europa”. A maioria das culturas da Idade do Ferro na Europa deve algo a Hallstatt, pois nas áreas próximas dispunham de bons minérios.

A data da chegada do ferro nas diferentes partes do mundo é muito variada, contudo, a maior parte dos historiadores e arqueólogos é de parecer que a Idade do Ferro aparece cronologicamente depois da Idade do Bronze, assim como esta aparece depois da Idade da Pedra.

Os especialistas da Pré-História determinaram o período 1300-1200 a. C. como a época em que se estabeleceu plenamente o uso do ferro e, se iniciou propriamente a Idade do Ferro no Velho Mundo. A verdade é que esse metal já era trabalhado mil anos antes: existem provas de que o homem trabalhou o ferro ocasionalmente na Anatólia, na Mesopotâmia e em outros lugares. O verdadeiro ferro forjado já era produzido habilmente nas montanhas da Armênia no início do segundo milênio antes de Cristo. Por volta de 1500 a. C., nas terras da Ásia Menor, dominadas pelos Hititas, já se produzia um tipo de ferro com qualidades semelhantes às do aço. Muito rapidamente a técnica de selecionar e trabalhar os minérios espalhou-se pelo mundo e, entre os anos 1200 e 1000 a. C., o ferro estendeu-se pelo Oriente Próximo, alcançando a Pérsia e, também, a Grécia e a Itália (CELORIA, 1970, p. 103).

Como o cobre e o bronze, a tecnologia do ferro não só trouxe consigo um importante avanço técnico quanto aos utensílios, como deu lugar a profundas mudanças sociais. Um fato econômico favoreceu o desenvolvimento da cultura Hallstatt (Primeira Idade do Ferro): a riqueza dos jazigos de sal e minerais dos Alpes orientais, que motivou um crescente intercâmbio comercial com zonas muito diferentes.

Subirachs (1996) é de parecer que a cultura de Hallstatt estendeu-se por toda a Europa Ocidental, alcançando seu apogeu nos séculos VI e V antes da nossa era. Os intercâmbios comerciais revelavam influências das civilizações etrusca e grega, manifestadas nos bronzes com relevos e nas fíbulas. A substituição da espada pela lança como principal arma de combate reflete a aparição da formação fechada na ordem de batalha. “A Arte de Hallstatt caracteriza-se por um decorativismo geométrico que deriva do transfundo cultural neolítico europeu.

Essa arte desenvolveu dois estilos: um retilíneo e seco, e outro, sinuoso, pleno de espirais, que se espalhou no norte europeu” (IBIDEM, p. 29).

Em Hallstatt, as técnicas do cinzelado e do estampado em punção foram preferidas pelos artesãos regionais. Para Codina (2002, p.66-67), a estampagem, na sua essência, consiste basicamente em imprimir e marcar um metal exercendo pressão com uma ferramenta de maior dureza e resistência. No caso da estampagem com punções, o único objetivo radica em obter pequenos relevos e desenhos que enriqueçam a superfície do metal.

Devido às técnicas utilizadas, o geometrismo retilíneo predominou num primeiro momento, com a fabricação de triângulos, meandros angulares, zig-zags, fileiras de denticulos cortados por estrias, etc. A espiral transforma-se em círculos concêntricos regulares: símbolo do Sol (SUBIRACHS, 1996). O autor mencionado enfatiza que o culto solar, em efeito, domina a religiosidade dos forjadores do ferro, com o que se relacionam também o cavalo e o cisne, que arrastam do Leste ao Oeste o carro do sol (ibidem, p. 29).

Na cultura Hallstatt, surgiu, timidamente, um naturalismo de raiz grega ou etrusca, fruto dos intercâmbios comerciais. No século V a. C., a invasão Celta sobre a de Hallstatt, com sua arte estilizada e animalística, passou a exercer forte influência, iniciando-se a Segunda Cultura do Ferro: a Cultura de Tène, organizada pelo povo Celta. Contudo, os Celtas não eram um estado, nem uma civilização, mas um aglomerado de pessoas agrupadas em tribos que, durante meio milênio e, partindo das regiões renanas se espalharam por toda a Europa e Ásia Menor, semeando o terror.

A luxuosa arte dos Celtas compreendia desde arreios e bridas de cavalos, como carros de combate, espadas curtas e punhais, máscaras e peças de bronze originais e importadas de outras regiões. Na Arte de Tène encontram-se figuras animalísticas e humanas de procedência etrusca e grega.

Os motivos de animais, plantas e homens repetem-se na exuberância de uma decoração assimétrica que invade todos os objetos: espadas, punhais, cascos, grandes escudos elípticos, vasilhas, candeeiros, fíbulas, broches e demais objetos de um povo itinerante sempre disposto a partir, assim que algo o incitasse a isso. Subirachs (1996, p. 31)

Em torno do século III a.C., ocorre o apogeu da arte Celta que se estende por vários lugares, deixando as marcas da cultura com uma arte que transpõe o tempo, inspirando a moda em diferentes cenários.

## 8 Conclusão

Os resultados da presente pesquisa enfatizam os saberes e fazeres artesanais da cultura da época dos metais. Como demonstram os dados investigados, percebe-se que o Homem dessa época tão remota preocupava-se não somente com a confecção de adornos, mas também com as vestimentas. Nesse sentido, é possível aprofundar os conhecimentos sobre a cultura dos povos por meio dos adornos descobertos pelos arqueólogos.

Atualmente, é possível realizar uma investigação mais profunda da existência desses objetos preservados nos museus e acervos artísticos, pois o design de joias e a moda contemporânea podem ser inspirados naqueles saberes. Isto posto, conclui-se que mesmo os mais remotos homens, que viveram nos séculos anteriores à nossa Era, legaram para a humanidade técnicas e um senso estético que surpreendem o homem contemporâneo, do ponto de vista dos adornos e vestimentas, entre outros.

## Referências

Arte Tempo, 2009. O Percurso da Arte ao longo da História. Disponível em: <[http://artetempo.blogspot.com/2009\\_12\\_01\\_archive.html](http://artetempo.blogspot.com/2009_12_01_archive.html)>. Acesso em: 5 fev. 2011.

AR – Ancient Resource. Ancient Celtic Coins & Artifacts for Sale. Disponível em: <<http://www.ancientresource.com/>>. Acesso em: 5 fev. 2011.

BRAINDWOOD, Robert J. *Homens Pré- históricos*. Brasília: Ed. UnB.

CALLISTER, William D. *Fundamentos da ciência e engenharia de materiais: uma abordagem integrada*. 2. ed. Tradução: Sérgio Murilo Stamile Soares; revisão técnica Paulo Emílio Valadão de Miranda. Rio de Janeiro: LTC, 2006.

CELORIA, Francis. *Arqueologia*. Serie Prisma. São Paulo: Edições Melhoramentos, 1970.

CODINA, Carles. *A Joalheria*. Coleção Artes e Ofícios: 1º ed. Traduzido em português por Marisa Costa. Lisboa: Editorial Estampa, Ltda., 2000.a

\_\_\_\_\_. *A ourivesaria*. Coleção Artes e Ofícios. Trad. Marisa Costa. Lisboa: Editorial Estampa Ltda. 2002.

GIORDANI, Mário Curtis. *História da Antiguidade Oriental*. 6. ed. Petrópolis: Editora VOZES, 1983.

GOURHAIN André Leroi. *Os caçadores da Pré-História*. Lisboa, Portugal: Edições 70, 1983.

Greek Thesaurus. Imagens da Idade do bronze. Disponível em: <[www.greek-thesaurus.gr](http://www.greek-thesaurus.gr)>. Acesso em 5 fev. 2011.

Hixenbaugh Ancient Art. (2006 – 2011), New York, NY. Disponível em: <<http://www.hixenbaugh.net/gallery/detail.cfm?itemnum=4323&showpic=a>>

Hixenbaugh Ancient Art. (2006 – 2011), New York, NY. Disponível em: <<http://www.hixenbaugh.net/gallery/detail.cfm?itemnum=4323&showpic=a>>

KERTESZ, Margarite W. *Historia Universal de La Joyas Atraves del Arte y La Cultura*. Buenos Aires: Centurion, 1947.

LIMA, Marco Antonio Magalhães. *Introdução aos Materiais e Processos para Designers*. Rio de Janeiro: Editora Ciência Moderna Ltda., 2006.

Museu da Região Flaviense, 2009. Disponível em: <<http://museudaregiaoflaviense.blogspot.com/2009/12/peca-do-mes-de-dezembro-em-destaque.html>>. Acesso em: 5 fev. 2011.

Museu Britânico, Londres. Disponível em: [www.britishmuseum.org](http://www.britishmuseum.org)

SANTAELLA, Lucia. *Culturas e artes do pós-humano*. 2. ed. São Paulo: Paulus, 2004.

SHUMANN, Walter. *Guia de los Minerales e de las Piedras Preciosas*. Traduzido por Margarida Costa. Barcelona: Ediciones Omega, S.A., 1987.

SUBIRACHS, Josep Maria. *In História Geral da Arte*. Madrid: Ediciones Del Prado, 1996.

ZATTERA, Vera Stedile. *Prataria Gauchesca*. Caxias do Sul: ed. VSZ Arte e Cultura, UCS, 2001.